



O lugar dos ucranianos ortodoxos em um bairro em transformação

Paulo Augusto Tamanini
paulo.ufsc@terra.com.br

Resumo: O fervilhar do progresso urbano trouxe para Curitiba não só a circulação da técnica e dos saberes de um futuro centro metropolitano, como a multiplicidade étnica marcada pelos variados fenótipos, crenças e idiomas que aprenderam (forçosamente ou não) a compartilhar o mesmo espaço territorial. Tendo como fontes alguns depoimentos de ucranianos que viveram a época do crescimento da cidade, este artigo esboça uma reflexão sobre a dialética entre o lugar e os costumes a serem preservados em espaços de constantes transformações.

Palavras-chave: Ucranianos Ortodoxos, Curitiba, bens culturais.

Foi no período do pós Segunda Guerra que muitos imigrantes europeus chegaram à cidade de Curitiba movidos pela oferta de mão de obra nas áreas da construção civil e da indústria madeireira, tão propagandeada pela política de migração do governo de Bento Mu-

nhoz da Rocha Neto que fomentava a vinda de contingentes europeus à capital paranaense (LACERDA, 1951, p. 02). O fervilhar do progresso urbano trouxe para Curitiba não só a circulação da técnica e dos saberes de um futuro centro metropolitano, como a multiplicidade étnica marcada pelos variados fenótipos, crenças e idiomas que aprenderam (forçosamente ou não) a compartilhar o mesmo espaço territorial. Assim, se no centro de Curitiba, as obras aconteciam em ritmo acelerado, nas vilas mais afastadas os imigrantes preservavam as práticas rurais das cidades do interior, no ritmo a que estavam acostumados. Às margens dos grandes canteiros de obras, imigrantes italianos, espanhóis, alemães e ucranianos dedicavam-se às atividades agropecuárias fornecendo o que produziam às donas de casa, de porta em porta ou nas feiras livres do centro da cidade.

Com o crescimento da cidade e a conseqüente heterogeneização de sua população, novos mundos sociais coexistiam e disputavam territorialidades, deixando suas referências e fontes para uma possível identificação étnica no complexo mapeamento do local que os acolheu.

Ao pesquisar os bairros que margeiam a área central de Curitiba, observa-se que os imigrantes marcaram o lugar de recepção de tal forma, com elementos identitários de ordem familiar, comunal e religiosa, que ainda hoje, identifica-se facilmente onde estavam aglomerados: no centro, os imigrantes árabes; os italianos, no bairro Santa Felicidade; os espanhóis em Osório; os ucranianos no Bigorriho, etc. Nestes locais, até a década de 1970, a igreja tinha um lugar de predominância e era em seu redor que as casas eram construídas e a vida prosseguia dirigida pelos preceitos religiosos.

No bairro dos *ucraínos*, desde sua formação no final do século

XIX, as casas foram construídas próximas uma das outras, não só por aparentar certa unidade entre o grupo, mas como estratégia de proteção e conservação dos bens culturais. A este respeito a historiadora Giralda Seyferth (1990, p. 65), ao falar dos imigrantes em geral, nota que “a imigração no contexto urbano tem como característica principal a aglutinação dos imigrantes de mesma origem em torno de interesses comuns e estimula a solidariedade para enfrentar situações novas”.

Usando uma expressão de Baudelaire (2007), o ucraniano no bairro moderno do Bigorriho é um “pintor de costumes” que seleciona e que recolhe, ao final do dia, as imagens a partir das quais tenta relembrar sua *ucraneidade*. Por a cidade não contar seu passado, simplesmente porque o contem tais quais as linhas das mãos (CALVINO, 1990, p.6), por mais que se maquiem os lugares, os ângulos das ruas, “as floreiras nas janelas, os pássaros presos em gaiolas expostas nas varandas, as cores dos gatos que desfilam entre as casas e o latidos dos muitos cães do bairro”, persistem nas lembranças de quem assim viveu e desejou aquele lugar (FERENS, 2010).

Mesmo situadas no mesmo lugar do mapa, para alguns a avenida dos *ucraínos* ou a avenida Candido Hartmann, acabam por constituir territorialidades diferentes. A prosperidade que se exhibe ao longo de suas margens não acalenta a saudade da época em que tudo parecia rotineiro, aprazível nas lembranças, mas que pode ser contestável na empiria.

Também o pertencimento religioso ou a filiação eclesial dos ortodoxos é um dado fundamental a ser considerado dentro da dinâmica da representação étnica articulada ao espaço social urbano, ante a emergência das relações alinhavadas entre costumes e lugares. Para muitos imigrantes ser ‘ortodoxo’ não se restringia em se-

guir fielmente os preceitos religiosos; a inflexibilidade adentrava nas posturas e maneiras de se encarar a vida e fixar-se em poucos ou em um único lugar.

Se muitas casas foram destronadas, a igreja permaneceu em seu lugar como uma referência do passado e da comunidade imaginada. Como as mudanças e alterações trazem consigo o conseqüente esquecimento (parcial ou total) do estágio anterior, a igreja, que teimosamente resiste às intervenções e ao aviltamento do bairro que se cria ucraniano, tornou-se memória materializada de uma cultura que evoca presença.

A igreja é um edifício que fala por si. Sua forma arquitetônica em estilo eslavo anuncia um pertencimento e o lugar que ocupa dentro da organização do bairro indica sua função. O templo, independentemente do selo religioso ao qual está vinculado, é lugar onde o sagrado tem sua primazia e, através do qual os que o reconhecem desta forma, se identificam. Assim, a igreja é capaz de regular o comportamento dos presentes e manter algo de específico da etnia; não porta só valores morais e de fé, mas parece ter eficácia e autoridade no grupo. A catedral ortodoxa de São Demétrio registra uma identidade em meio a tantas outras identidades do bairro e, por ser também o invólucro de símbolos, traz consigo as memórias, as recordações e as representações, estabelecendo uma relação de afinidade, servindo de constante evocação da memória pela repetição, para não sumir, desaparecer, desfazer-se e ser esquecida. Por sua vez, “a memória também é redundante: repete seus símbolos, para poder existir” (CALVINO, 1990, p.11), bastando espaço para eclodir.

Aos poucos, antigas moradias foram substituídas por casas do comércio que por sua vez foram repaginadas, ganhando marcas da

modernidade nas décadas de 1970 e 1980. As geografias desiguais foram nivelando-se pelos ditames do progresso urbano. O banal e o marginal metamorfoseiam-se em lugares de distinção e de sobriedade, demonstrando que lugares são frágeis vítimas das práticas arquitetônicas e das “opções de um urbanismo servil que visa o lucro em detrimento da cultura” (ANSAY e SCHOONBRODT, 1989, p. 16).



Fig. 1 - Catedral Ortodoxa São Demétrio. Acervo da Eparquia. Julho de 2007

Em meio aos prédios da planejada Avenida Candido Hartmann, na cidade de Curitiba, em frente à sofisticada academia Swimex Fitness & Wellness, a catedral ortodoxa ucraniana se impõe com suas formas arquitetônicas específicas, fazendo lembrar aos transeuntes e clientes daquele empreendimento fisiculturista que o ho-

mem não se constitui só de matéria, mas por cultura, por valores, por subjetividades. A atual catedral dos ucranianos ortodoxos começou a ser construída em 1955, com a aquisição de dois terrenos de 22x50m cada. O esquadrejamento e a preparação do terreno ainda estavam em andamento quando, em 13 de maio de 1956, foi celebrado o primeiro ofício religioso de bênção da obra e, em 04 de novembro do mesmo ano, foi feita a bênção da pedra fundamental. A obra foi concluída em 1960, graças à ajuda dos fieis e de empresas cujos dirigentes ou sócios comungavam da mesma crença e pertencimento religioso. O primeiro reitor paroquial foi Pe. Pedro Dobrianskyj que vinha de São Paulo para atender a comunidade, permanecendo nesta função até 1964, quando do seu falecimento, e foi sucedido pelos sacerdotes Pe. Nicolau Stcherbak (1964-1967), Pe. Pedro Blachechen (1986-1989) e o então Pe. Jeremias Ferens, hoje, arcebispo, que iniciou seus trabalhos pastorais em 1989.¹

A academia, no entanto foi inaugurada em 1998, quando a Avenida Candido Hartmann era referência de desenvolvimento comercial. Pelas paredes envidraçadas, os freqüentadores da academia, vestidos com roupas apropriadas para o exercício físico intenso, se deparam diariamente com religiosos trajados com suas escuras batinas circulando por entre o complexo religioso formado pela igreja, salão de festas e residência episcopal. De um lado da avenida, jovens, em sua maioria, esculpem seus corpos a custas de exercícios em variados aparelhos modernos; do lado oposto, a preocupação pelo físico cede lugar à prática da piedade, exercitada em sua maioria por pessoas de meia-idade, em busca do aprimoramento da alma. Duas visões de mundo convivem num mesmo espaço, separados apenas por uma avenida de um intenso tráfego. Não é apenas

¹ *Informativo Eparquial da Catedral São Demétrio*. Curitiba, 2006, p. 3-5.

uma avenida, é um lugar de coexistências, de cruzamento das correntes culturais, de visões de mundo cuja materialidade se acomoda na dinâmica de relações próprias do urbano. Quadros de vida que se interpolam, fazem embaralhar o sagrado e o profano, enfatizando entre eles a ausência de linhas demarcatórias que poderiam estabelecer limites.



Fig. 2 - Academia Swimex. Foto de Divulgação. Março de 2009

O complexo religioso todo murado não é obstáculo para aqueles que do andar superior da academia assistem de soslaio o que se passa no interior da igreja. Do outro lado, o mesmo não acontece: os vidros escurecidos permitem apenas enxergar nuances de pessoas que malham, que praticam lutas, que se embelezam. Talvez, nas cidades modernas, os muros sejam maneiras ultrapassadas de delimitar territórios e segregar o que nele está contido. Hoje, nas cidades verticalizadas, os vidros, o aço e sistemas de segurança – que se

crêem eficientes – produzem nas pessoas da *urbe* uma sensação de segurança cuja eficácia, por vezes é contestada. De toda forma, sejam os religiosos que circulam de um lado da avenida, sejam os frequentadores da academia de outro, ambos se confrontam com realidades plurais, com mundos formados não apenas por aquilo que se conhece ou se quer conhecer, mas por mundos onde pululam as especificidades e as diversidades tão próprias do adensamento urbano, que exigem a reciprocidade de respeito.

Nesta esteira, Nestor Garcia Canclini (2008, p. 258) sugere que a urbanidade seja capaz de aliançar práticas culturais dessemelhantes até porque, segundo o autor, na modernidade nega-se a demarcação de territórios culturais, entrando em cena a hibridação. Surgida da criatividade individual e coletiva que reconverte e reinsere práticas culturais distintas a hibridação facilita a circulação, troca e interação de novas maneiras de se encarar o diferente. Em espaços urbanos parece que as fronteiras são muito líquidas, porosas e pouco funcionais.

O autor entende por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. 19). As práticas discretas que são encenadas em territórios separados sugerem a existência de fronteiras, de limites, de demarcações, onde se constroem espaços adequados. É preciso observar se o campo de identificação religioso rasurava algumas condições de fronteiras entre grupos de interesse especiais. A partir desta concepção, é possível afirmar que os discursos que privilegiavam a peculiaridade étnica ou religiosa de certo grupo, agigantam possibilidades de sectarismos e intolerâncias, o que se reflete em diversos signos de pertencimento. Se a percepção de si sedimenta

olhares (possibilitando ou não os *estranhamentos* ou os reconhecimentos) é necessário perceber de que *ucraniano* estamos falando e de como o pertencimento religioso e o local de estabelecimento interferiam nesta identificação.

Parece que a noção do híbrido nasce da crise de conceituar com precisão o resultado do encontro e da interpenetração de culturas dessemelhantes, num mesmo espaço, o que faz desencadear novas combinações e sínteses compartilhadas. Os ucranianos de Curitiba, experienciavam o entrecruzamento de diferentes tempos históricos: tradição camponesa e práticas modernas do viver, fazendo-se presente em espaços e tempos contemporâneos. Embora Canclini (2008, p. 283) assinale não haver forte oposição entre o urbano e as práticas culturais do mundo rural, os ucranianos ortodoxos ajustavam-se às exigências da cidade para poder encenar e demonstrar vínculos locais de afetividade, em novos cenários.

É preciso pontuar que os novos espaços forçaram os ucranianos a uma re-socialização já que a urbanização do Bigorriho trouxe novos moradores e/ou transeuntes com novos hábitos e novos comportamentos exigindo em nome da acomodação e interação, um outro aprendizado. As transformações do lugar de recepção o tornaram um espaço estranho e que passava ser analisado e mensurado tendo como referência o passado e o que se herdou dele. O panorama urbanístico implantado no bairro não só verticalizou as habitações como remodelou significativamente os modos de morar, de trabalhar, circular e viver. Além do alargamento da avenida e da construção de outras, o incremento dos serviços de abastecimento de água, esgoto e de iluminação pública proporcionou condições outras de vida social para os imigrantes ucranianos acostumados a um espaço geográfico mais familiar, sem a heterogeneidade de ti-

pos, sem aglomerações e tumultos.

Se “as palavras insuflam a vida na história”, como afirma Paul Thompson (1992, p. 41), nem sempre significa que esta vida fosse a desejada por todos. Maria Olikéria (2010) relata, por exemplo, que “depois que as máquinas chegaram para alargar as estradas, a vida ficou mais agitada e o barulho nunca mais foi embora. Tempos bons eram aqueles onde se podiam ouvir os pássaros das árvores cantarem!”

Maria e outros ucranianos ao assistirem a urbanidade adentrar em seus territórios, acionavam dispositivos para reagir ao diferente. As máquinas trouxeram em seu bojo não só barulho como também afastaram o caráter organizacional do lugar, ao subtrair elementos que auxiliavam na identificação de uma comunidade rural a qual estavam acostumados. Desde então, o entorno sócio-cultural (a rua, a viela, as árvores e as casas) passou a ser visto sob novos olhares e, às vezes, pela óptica do estranhamento. A mudança do lugar acarreta mudanças na maneira como pessoas se vêem e como enxergam os outros. Neste sentido, Sandra Pesavento (1999, p. 48), referindo-se a Paris, compartilha a idéia de que um “novo sentimento é inaugurado pela estranheza de se viver, representar, entender e sentir em locais transformados, fazendo com que nas pessoas ecloda “uma nova postura diante do fenômeno urbano”.

Se os imigrantes desejavam a estagnação do lugar, o poder público, contudo, almejava uma concepção moderna de se viver no centro de Curitiba – que se espraiava para os bairros – baseada na diversificação, mobilização e circulação dos bens (materiais e culturais), onde a vida pudesse acontecer de maneira civilizada e racional. Os habitantes desses espaços remodelados (imigrantes ou não) deveriam constituir-se em contraposição ao habitante do campo e

do meio rural, considerando-se um sujeito urbano, cidadão, o que de certa forma fez brotar em alguns imigrantes o sentimento de estranheza e de não mais identificação. A mudança se deu a passos tão largos que muitos não acompanharam.

A nova Avenida Candido Hartmann estava sendo preparada para a modernidade à medida que arquitetava terrenos essenciais à vida citadina, mesclada pelo progresso, mas também pela desordem. Territorialidades do silêncio e *habitat* exclusivo dos ucranianos foram se perdendo, o que se constatava pela ausência da língua eslava nos diálogos dos transeuntes e pelos rancos dos motores ligados que compunham a trilha sonora dos cenários que retratam um mundo em obras. Era preciso então buscar outras paragens de identificação!

Quer imigrante ou não, as pessoas existem, vivem e se socializam dentro de uma esfera circunscrita, chamada lugar, onde é possível flagrar os descaminhos ou trajetos nem sempre lineares das relações entre pessoas e cenários e descobrir conexões possíveis. Se em determinado tempo, foi preciso deslocar os ucranianos do seu *habitat* considerado estratégico para o progresso da cidade, em outro era preciso conservar as marcas de pertencimento, como tributo a uma presença. Em meio às celebrações da urbanidade e do progresso era importante edificar lugares de memória que pudessem resguardar do passado as referências de uma cidade que se superou e que se desvencilhou dos ares provincianos. Se por um lado era preciso celebrar o novo, por outro era prudente reservar algum canto do urbano onde se pudesse rememorar o passado. Se a urbanidade engoliu os aspectos provincianos de um lugar tido por estratégico para o progresso urbano, era preciso regurgitá-lo em outras paragens onde o ucraniano pudesse rememorar.

Se o lugar não é um dado neutro (SANTOS, 2000, p. 80) por informar e revelar identidades não só físicas, mas culturais, a invenção de paisagens que lembrassem a presença dos imigrantes ucranianos avisava que traços daquela cultura também faziam parte do cenário estético da cidade. E era recomendável que isso fosse lembrado, em nome da cultura, até porque uma cidade que não tem história, que não tem raízes, não pode ser explicada.

Percebe-se, então, que a *ucraneidade* inscrita em alguns lugares de Curitiba ultrapassou as marcas de pertencimento especificamente étnicas, para espriar-se em selo de identidade urbana – circunscrita, porém, em espaços planejados. Importante é explorar, assim, os modos como se expressa o processo de evidenciação de identidades ucranianas que são relevantes a alguns espaços geográficos, no município de Curitiba.

Na esteira do pensamento do sociólogo Walter Benjamin (1987, p. 26), nenhum rosto é tão surrealista quanto o rosto de uma cidade, justamente por condensar aspectos múltiplos em um só espaço. Curitiba não se tornou o *lugar* somente dos ucranianos, mas de tantas outras etnias (italianos, poloneses, árabes, japoneses, alemães) compondo um mosaico cultural diverso. Relevante é observar que por mais que a cidade agasalhe munícipes de tantas origens, espaços foram inspirados, pensados e construídos para serem referências de patrimônio cultural, o que poderia sugerir uma forma de fronteira. Contudo, em capitais metropolitanas, pensar em esquadrihar e delimitar territórios aonde é possível acomodar o que se julga específico, é condenar à estigmatização e à marginalidade essas mesmas culturas. Para além do conceito de ser a parte limítrofe de um espaço em relação a outro, as fronteiras circunscritas em espaços urbanos não podem ser concebidas por um único viés: mais

do que demarcações, essas fronteiras são portas de passagem, pontos de transição e de intermediação. Nas cidades, as fronteiras são lugares onde o consentimento e a permissão andam par e passo. Por isso, conceber a fronteira somente pela óptica topográfica, significa perder a oportunidade de estudá-la como local por onde relações entre grupos são redesenhadas, reestruturadas, ou cristalizadas.



Fig. 3 - Memorial Ucrâniano - Parque Tingui. Acervo da Prefeitura Municipal de Curitiba. Janeiro de 2008.

A imagem acima, contudo, certifica que a cultura ucraniana enraizada na cidade de Curitiba tem seu lugar de distinção no *Parque Tingui*, cuja construção se deu em 1995. Composto por uma réplica de uma igreja com características bizantino-eslavas, em homena-

gem a São Miguel Arcanjo, por uma casa e um portal – todos em madeira encaixada, não fazendo uso de um prego sequer –, o *Memorial Ucrainiano*, circunscrito em meio à natureza, tornou-se ponto turístico da capital do Paraná, desde que foi construído no contexto das comemorações do centenário da chegada dos imigrantes à cidade. Se “a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano” (PESAVENTO, 2007, p. 12), a *ucraneidade* encenada nesses espaços informa que Curitiba tolerou não só os imigrantes do leste europeu, como aderiu às invencionices étnicas. Segundo Eric Hobsbawm (1984, p. 10) e Anthony Giddens (2005, p. 50-54) as tradições são inventadas objetivando interesses que oscilam da espetacularização teatral à comercialização da herança.

Se o meio rural, por certo, aparece como o *locus* privilegiado de manutenção da cultura e de costumes étnicos, onde a possibilidade de fazer negociações para lograr certa interação era mínima, em Curitiba, com a edificação *dos lugares de memória*, percebe-se uma tentativa de trazer o campo para o espaço urbano, dando-lhe enobrecimento. Desta forma, a cidade se abre às paisagens protocolarmente elaboradas, com a invenção de espaços distintos, onde o culto à cultura se equipara ao culto à natureza.

O *Parque Tingui* e a *Praça dos Ucrainianos* podem ser considerados, assim, lugares de cruzamento de correntes diversas cuja materialidade cultural se acomoda na dinâmica das relações das quais se serve para existir. No entanto, ao se impingir marcas de identificação étnica na cidade, corre-se o risco de se propagar a necessidade da existência de territórios exclusivos aos diferentes. Tal pensamento é pulverizado pela própria urbanidade que essencialmente é capaz de aliançar práticas culturais dessemelhantes, desbancando to-

da e qualquer forma cativa de se viver em separado. Isto porque, diferentemente do que ocorre em meios rurais onde a demarcação de linhas imaginárias restringe a circulação, troca e interação da cultura entre outros campos de encenação cultural, nos espaços urbanos parece que as fronteiras são muito líquidas, porosas e pouco funcionais.

Se a imigração não pode ser vista apenas como mero deslocamento de pessoas, mas também como deslocamento da cultura e do simbólico, é em territórios específicos ou não que tal cultura se materializa.

Na cidade, que não tem compromisso com nenhuma etnia específica, pois abarca todas, a materialidade cultural torna-se patrimônio não mais exclusivo de uma grupo, mas de toda a *urbe*. Em espaços urbanos, o específico de um grupo não se apaga, justamente porque se realoca em outros planos ou em outros graus de importância (AUGÉ, 1994, p.72). Nota-se aqui, que a crença de que um grupo de pessoas possa ser o único guardião de valores culturais seus é atenuada quando se transfere estas responsabilidades ao poder público.

Se os ucranianos atuam nos cenários da cidade, mesmo que coadjuvando, emprestando-lhe plasticidade, movimento e som, observa-se que a materialidade cultural de um grupo, pode ser expressa sob diversas formas e é reeditada e reinventada tantas vezes quanto for possível transpor, individual ou coletivamente, aspectos importantes do que se julga importante para uma família, um grupo, uma comunidade, uma etnia.

Referências Bibliográficas

ANDREAZZA, M. L. “Uma herança camponesa: moradia e transmissão patrimonial entre imigrantes ucranianos (Brasil, 1895-1995)”. In: *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Colóquios. Paris: CERMA: MASIPO, 2008.

ANSAY, Pierre. *Pensar a cidade*. Textos escolhidos. Bruxelas. AAM Editoras, 1989.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papius, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FNART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX”. In: KOTHE, Flávio R. (org). *Sociologia*. Tradução de Mario A. Eufrásio. São Paulo. Ática, 1985.

_____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e*

sair da modernidade. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da USP, 2008.

CZAIKOWSKI, Mariano. “Os Ucranianos no Brasil”. In: *Jornal O Lavrador*. Curitiba, nº 433, Janeiro de 2011. pp. 12-14.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LACERDA, Dulcídio T. de. “A Colonização e o Cultivo de Trigo no Terceiro Planalto”. In: *Diário da Tarde*. Curitiba: 12 de abril de 1951. p. 02.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 8, n. 16, 1995. pp. 279-290.

_____. *O imaginário da cidade: versões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

_____. “Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 27, n. 53, 2007. pp. 11-23.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Abstract: Urban progress and congestion brought to Curitiba not only increasing knowledge and future development of a metropolitan center but was also distinguished by a multiplicity of peoples, identified by various ethnicities, faiths and languages. Various groups shared the same territorial space (unavoidably or not). With witnesses interviewed as live sources – Ukrainian immigrants who lived during the early time of Curitiba growth –, this article sketches a reflection on the dialectics between the place and city and the habits and customs which were preserved during the constants changes that took place in Curitiba.

Keywords: Ukrainian Orthodox, Curitiba, cultural heritage.

Paulo Augusto Tamanini é mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e doutorando em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).